Elogio de Isabel, a Rainha Católica

Guarino Alves de Oliveira

Recordar é viver, e vivendo recordo. Dentre os capítulos do Livro desvida um deles merece destaque. Refiro-me à minha viagem a Espanha, realizada na primavera de 11 de junho de 1975. Obviamente, fui, sou e serei grato ao Ministério de Assuntos Exteriores e ao Instituto de Cultura Hispânica do país de Cervantes em face do convite que ambos me fizeram para efetuar estudos superiores de História em Madri e no arquivo da Casa de Índias de Sevilha. Dívida de gratidão, enfim, talvez quitada em um ensaio publicado em castelhano.(1)

Citei, linhas acima, o nome de Miguel de Cervantes Saavedra, quase de maneira espontânea. Lembro-me que, certa feita, eu deixara o *Hotel Fenix*, com o propósito de comprar livros antigos na Praça San Martin e nas ruas Carmen e Prado. De repente eu estava na Praça da Vila e vi, um tanto entusiasmado uma estátua do Almirante Álvaro de Bazán. 1.º Marquês de Santa Cruz de Marcenado. Foi essa figura da história marinheira espanhola quem intitulou Cervantes de "Pai dos Soldados", na batalha de Lepanto, de 7 de outubro de 1571. Seja salientado, muito a propósito que existe em Viso do Marquês, distante 250 km de Madri o *Arquivo Don Álvaro de Bazán*, do qual era Subdiretor o meu ilustre amigo Roberto Barreiro-Meiro Fernández, Capitão de Navio, excelente *americanista*. Subdiretor

(1) Dos estudos feitos na Espanha resultou o ensaio *Vicente Yañez Pinzón y Brasil* (Última Verba). Sep. da Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza, 99 : 166-221, jan./dez. 1979.

do Museu Naval de Madri e Secretário do *Instituto Histórico da Marinha*, filial do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas.*

* * *

De Cervantes eu lembraria o belo monumento da Praça de Espanha. O escritor sentado lá nas alturas tem, embaixo, moldados em bronze, os principais personagens de sua obra imortal, *Don Quijote* e *Sancho Panza*. Como resquício dos festejos do 358.° aniversário de sua morte, realizados em 1974, restava ali uma coroa de flores amarelecidas.

Nascera Cervantes em Alcalá de Henares, a 28 de setembro de 1547, e foi batizado a 9 de outubro de 1547 na Igreja de Santa Maria Maior. Teria estudado, supõe-se, na Universidade de Salamanca.

Segundo a opinião de Angel Ligero Móstoles o personagem *Don Quijote* foi inspirado na pessoa de um Alonso de Ayllón Gutierre de Quesada, fidalgo de Alcazar de San Juan, em La Mancha, cuja casa residencial está devidamente identificada. Outros autores espanhóis afirmam que o livro *El engenioso Hidalgo de la Mancha* foi escrito em Cidade Real, justamente na Cueva de Medrano. O Campo de Critana, onde proliferam os moinhos-de-vento, atende hoje pelo nome de *Ruta Cervantina*. Seja como for, em Sevilha há um sobrado onde, presume-se, Cervante concluíra o livro.

Na novela, *Quijote* é um tal don Alonso Quijano, natural de La Mancha. Dedicado à literatura de cavalaria perdeu o juízo, transformando-se em *Don Quijote,* o Cavaleiro Andante, e, com seu amigo fiel Sancho Panza, escudeiro, soube lutar em defesa de sua amada *Sin Par Dulcinea del Toboso.* Como epílogo, Don Alonso Quijano recobra o juízo, porém, morre em seguida. Na aldeia de *El Toboso* há um Museu conservando exemplares do *Quijote* publicado em vários idiomas.

Em maio de 1974 o boletim *ESPAÑA CULTURAL,* número 6, referindo o transcurso dos tresentos e cinqüenta aniversários da morte de Cervantes, celebrado coindicentemente na *Fiesta del Libro* que ocorre todos os anos no país, publicou a seguinte notícia:

EL QUIJOTE NACE TIPOGRAFICAMENTE EN MADRI

Aunque el número de actos conmemorativos ha sido grande em toda España, éstos han sido más numerosos en Madrid, quizá debido al hecho de que fue en la Vila y Corte de los "Felipes" don de nacieron tipograficamente Don Quijote y Sancho. Fue en la imprensa de don Juan de Cuesta, situada en el número 85 de la calle de Atocha, donde vio la luz la primera edición de la primera parte de su *Don Quijote.*

De la imprenta pasarian a la libreria del editor Robles, situada en la puerta de Guadalajara, y ello constituyó el primer paso de la que seria universal andadura. Se conserva un documento que acredita la primera corrección oficial, que se hizo en Alcalá de Henares, donde residia el médico y corrector del Consejo, don Francisco Murcia de la LLana. De sus manos, y debidamente sellado, pasó el libro, ya impreso, a Valladolid, donde el escribano del rey, don uan Gallo de Andrada, tasó en tres maravedies y medio "cada uno de los 83 pliegos de un libro titulado *El Engenioso Hidalgo de la Mancha.* Cumplidos todos los requesitos legales, el libro quedó definitivamente impreso en los últimos días de diciembre de 1604, aun cuando en la portada se estampó fecha de enero de 1605, mes en que se puso a la venta. Nació así la edición príncipe del *Quijote,* preciadísima joya que se conserva en una vitrina de la Biblioteca Nacional, en la "Sección de Raros".

Entre los datos curiosos de los mundos que se conocen sobre el libro — consta en los registros de mercaderias de las naves que salian de Sevilla con destino a distintos puertos de América —, se registraron, entre el 25 de febrero y el 11 de abril de 1605, los envios de 85 ejemplares de la edición príncipe del *Quijote.*

Puede asegurarse que no se había producido, ni en España ni posiblemente en Europa, un fenómeno editorial semejante al ocurrido con el *Quijote.* Menospreciado por Lope y Quevedo, y por otros escritores de la época, tuvo su autor la satisfacción de contemplar en vida — vida en exceso azarosa — el éxito de

su obra, leída por el mismo público que "aún leía los monstruosos libros de caballerías por el condenados al ridículo".

La Fiesta del Libro, que coincide con el aniversario de su morte, hace honor al primer *best-seller* del idioma castellano."

* * *

Com 22 anos de idade Cervantes seguiu no séquito de Aquaviva para a Itália. Veio a guerra contra os turcos. Estabelecida já uma Liga da Cristandade sob o beneplácito de S. Pio V e nomeado Don Juan de Austria seu *Generalíssimo* uma poderosa arma a seguiu ao encontro do inimigo. Álvaro de Bazán e Luis de Requessens dirigiram os navios espanhóis; Marco Antônio Colonna, os do Estado Pontifício; Andrés Doria, os genoveses; e Barbarigo os veneseanos.

No dia 7 de outubro houve o encontro com a esquadra turca comandada por Alí-Bajá, Farta e Aluch-Alí. Desnecessário é dizer que a vitória foi conquistada a duras penas, com baixa de 7.000 mortos e outros tantos feridos, e no lado turco 15.000 mortos.

Cervantes, que servia sob a bandeira do General Marco Antônio Colonna sobressaiu-se entre os maiores combatentes, tendo perdido uma mão. Daí em diante começou uma vida de sofrimentos. De regresso a Espanha na galera *Sol* foi capturado por piratas argelinos. Prisioneiro em Argel durante cinco anos, conseguiu libertar-se. Perambulou em muitos lugares para ganhar a vida, em Goleta, Tunes e Navarro. O pobre soldado, mais conhecido pelo epíteto de "O Manco de Lepanto", tornou-se afinal *Ejecutor de contribuiciones*, cargo público conseguido mais tarde, porém, tendo incorrido em faltas com os seus deveres viu-se processado e metido no cárcere. Seu sonho era transferir-se para a América, mas nem isso conseguiu. Entregou-se então à literatura, a princípio sem êxito. De suas trinta comédias somente três agradaram o público. Publicou: *Viage al Parnaso, Semanas del Jardin, Novelas ejemplares,* e *Famoso Bernardo y los trabajos de Persiles y Segismundo.* Cansado, envelhecido, descrente dos homens, teve contudo um amigo certo que o socorreu com esmolas, o Conde de Lemus.

Miguel de Cervantes Saavedra faleceu a 23 de abril de 1616. Seus restos mortais foram sepultados no sítio onde atualmente se ergue o *Monasterio de las Trinitarias,* edifício construído no século dezessete, nas proximidades da Praça

da Vila e do monumento do Almirante Álvaro de Bazán. Sua espada, a mesma que ele brandira vitoriosamente na batalha de Lepanto, pode ser vista na Sala da Rainha do *Museu de Exército* em Madri.

Vi o seu vulto no *Museu de Cera,* na Praça Colón. Cervantes, sentado a uma escrivaninha, tem sob os olhos os originais d'*El Engenioso Hidalgo de la Mancha.*

Vê-lo assim inclinado e pensativo, num silêncio quase místico é recordar o poeta Herrera, "O Divino", que diz na *CANCIÓN Á LA BATALLA DE LEPANTO:*

> *Llorad, naves del mar, que es destruida*
> *Vuestra vana soberbia y pensamiento.*

* * *

Eu gostaria de relatar, aqui, minuciosamente, tudo o que se oferece ao turista nos museus madrilenses. Por exemplo: o *Museu da América,* suntuoso edifício na Avenida dos Reis Católicos. Cumpre sublinhar que devo essa visita à iniciativa de Dona Ana Messia Minenez, do Departamento Cultural do Instituto de Cultura Hispânica: "Enquanto preparo sua Caderneta de Identidade faça uma visita ao nosso Museu." A propósito desse documento, entendo ser de interesse trasladar para aqui os seus dizeres porque simplesmente atesta o alto grau de organização administrativa do citado Instituto:

> "*EL DIRECTOR DEL INSTITUTO DE CULTURA HISPANICA.* Certifica: que *D. GUARINO ALVES DE OLIVEIRA,* de nacionalidad Brasileña, se encuentra en España, invitado por este Organismo, para realizar estudios superiores de Historia. Y ruega a las autoridades españolas den al interesado las máximas facilidades en todo cuanto de ellas dependa.
>
> Madrid, 17 de junio de 1975.
>
> Firma del Interesado *Guarino Alves* — El Director *José María Álvaro Romero.*
>
> Expide esta credencial el Departamento de Intercambio Cultural del *I. C. H.* con validez hasta el 31 de Diciembre de 1975."

No verso:

INSTITUTO DE CULTURA HISPANICA (Escudo) *Ciudad Universitaria — Madrid.*

Este carnet permitirá a su titular:

a) Ser vinculado con Instituiciones y personas representativas de la vida cultural española.
b) Recibir ayuda económica del *I. C. H.*
c) Participar en actos culturales (conferencias, viajes, sesiones cinematográficas, etc.) que organice al *I. C. H.* y Entidades adheridas al mismo en España.
d) Visitar gratuitamente Museos y Monumentos dependientes del Ministerio de Educación Nacional.
e) Utilizar la Biblioteca Nacional de Madrid y la Biblioteca del *I. C. H.*, y otras.
f) Adquirir libros en diversos establecimientos con descuento; asi mismo los de Edic. Cultura Hispánica y revistas de *Dic. Mundo Hispánico,* con descuento del treinta por ciento.
g) Adquirir localidades a reducido precio en algunos teatros de Madrid."

Pertinentemente à alínea *b*, devo dizer que recebi 25.000 pesetas, e do Ministério de Assuntos Exteriores mais 25.000.

No *Museu da América,* bem próximo do Instituto, deparei-me com um mundo de coisas maravilhosas. Por exemplo: o códice maya *Tró-Cortesiano,* as peças de Michoacán, os ídolos do tesouro dos Quimbayas. cabeças de silvícolas reduzidas de tamanho, as amostras de Arte Popular Hispano-Americana e Filipina, bem como os quadros alusivos à conquista do México por Hernán Cortés, personagem estudada com traços indeléveis na obra magnífica de Salvador de Madariaga.

De sala em sala, anotando isso e aquilo — epístolas do Almirante Cristóbal Colón, miniatura da caravela *Santa María,* globos do Mundo, cartas marítimas de Martin Waldseemuller reproduzidas em tamanho monumental por Carlos Sanz, cópia iluminada do mapa-mundi de Juan de la Cosa, e mais outras relíquias de especial interesse para o historiógrafo, cheguei, afinal, à tela de Rosales, cujo original pertence ao *Museu de Arte Contemporâneo.*

Trata-se de *El Testamento de Isabel la Católica,* obra premiada três vezes. Eduardo Rosales faleceu em Madri no ano de 1873, aos trinta e sete anos de idade. O documento inspirador — Testamento da Rainha — encontra-se guardado no *Arquivo* de Simancas, porém o *Museu da América* possui fotocópia.

* * *

Quem visita Madri com espírito de historiador equilibrado, isto é, *sin apasionamientos*, percebe desde logo o carinho com que os espanhóis relevam a figura simpática de Isabel. Na escadaria da *Biblioteca Nacional*, formoso tempo de Cultura e Arte, no Passeio Calvo Cotelo, onde se conservam mais de um milhão e meio de livros, ei-la sentada em trono de pedra. Defronte ao *Instituto de Cultura Hispánica*, sodalício então presidido por S. A. R. Don Alfonso de Borbón, há um pedestal de granito sustentando a miniatura em broze da caravela *Santa María* do Almirante Colón, com a seguinte legenda:

> *LOS PUEBLOS DE HISPANO AMERICA Y FILIPNAS A ISABEL LA CATOLICA, REINA DE ESPAÑA MADRE DE AMERICA RUNDADORA DE PUEBLOS POR CUYO IMPULSO GENIL SE COMPLETO LA REDONDEZA GEOGRAFICA Y ESPIRITUAL DEL MUNDO, CONSAGRAN ESTA MEMORIA FILIAL Y SECULAR EN EL V CENTENARIO DE SU NACIMIENTO — MCDLI-MCMLI.*

Vale a pena recordar, a passo largo, embora, alguns dos principais sucessos da vida dessa augusta mulher. Salvo equívoco, o primeiro biógrafo dos Reis Católicos foi o contemporâneo Fernando Pulgas, ou ainda, Fernando del Pulgar, autor de *Claros Varones de Castella.* Um outro intelectual da época, P. Bernáldez, escreveu a *História de los Reyes Catolicos.*

Isabel, irmã herdeira de D. Henrique IV, nasceu em Castela a 22 de abril de 1461. Segundo os cronistas era de mediana estatura, d'olhos verde-azulados, excepcionalmente alva e corada, sobretudo, alegre e formosa. Instruiu-a a professora Dona Beatriz de Galindo, mais conhecida na intimidade pela alcunha da "La Latina". Ela teve sua mão de princesa vascilando entre Don Carlos, príncipe de Viana, o Duque de Guyena, irmão de Luís XI e herdeiro da coroa de França, e um irmão de Eduardo IV de Inglaterra.

Opondo-se a todos eles, mesmo desagradando a D. Henrique, favorável a D. Pedro Girón, mestre de Calatrava e irmão do Marquês de Vilhena, e também a D. Alfonso V, de Portugal, quis antes Isabel casar-se com Fernando, seu primo, nascido em Sos, reino de Aragão, a 10 de março de 1452. Era homem amável, de cabelo preto, altura mediana, exímio cavaleiro, porém, contam os cronistas, avesso à literatura. Educou-o o humanista Francisco Vidal de Noya, tradutor da obra de Salústio.

O fato é que Fernando, filho de D. Juan II, sucessor do irmão Alfonso VI, "El Magnânimo", e de dona Juana Enriquez,

filha do Almirante de Castellá, tornar-se-ia Rei de Aragão por testamento paterno em 19 de janeiro de 1467, com pretensões à coroa de Castela pelo motivo de descender de D. Fernando de Antequera.

O casamento com Isabel verificou-se em Valadolid, a 14 de outubro de 1469. Depois, em 1475, veio a realizar-se uma Concordata em Segóvia: Fernando II de Aragão e V de Castela e Leão faria justiça em comum com Isabel, quando estivessem juntos, e individualmente quando separados. Daí o mote: *Tanto monta*, acrescido de: *al yugo y al haz de flechas*, significando que a "união faz a força". Divisa, aliás, que seria mantida no governo do Generalíssimo, único à altura dos empreendimentos de Isabel: uma *Pátria Una, Grande, e Livre*. Ou ainda, em moeda de níquel a gravação: *Francisco Franco caudillo de España por la G. de Dios.*(2)

* * *

Verdade é que o consórcio desagradou a Enrique IV. Mesmo assim, terminaram os irmãos conciliando-se em Touro de Guisando. Elevada ao trono em 1474 por morte de Enrique, ela transferiu-se com o marido para a Vila de Madri, hospedando-se em um palácio da pracinha d'*A Palha*. Sua idéia primordial cingia-se em unificar o país. Portanto, governaria por inteiro. Mas, tal medida, mesmo antes de ser posta em prática, descontentou os nobres, feudalistas, conseguintemente emancipados do poder real desde o século X, época da implantação do Feudalismo na Europa.

Basta dizer que os *feudos* eram pequenos Estados políticos dentro do próprio Estado e compunham-se de: feudo de Título, pertencentes a duques, condes e marqueses, e feudo Simples, organizado por cavaleiros ou pessoas modestas. Em suma, diziam-se *Suseranos* os proprietários de mais de um feudo, porém o *Suserano* supremo era o Rei.

Houve, assim, desentendimentos recíprocos. Levantaram-se em guerra os feudatários titulados. Os Guzmanes e os Ponces de Sevilha poderosíssimos, orientados e dirigidos pelo Duque de Medina Sidonia reuniram-se em Alcalá de Guadaira com vinte e dois mil homens e dois mil cavalos, dando-se início ao combate contra as tropas da Rainha. A vitória, entretanto, sorriu a Isabel.

---

(2) O Generalíssimo Francisco Franco faleceu em Madri a 20 de novembro de 1975, aos 83 anos de idade. Está sepultado na Basílica subterrânea do *Valle de los Caidos*, no lugar chamado Cuelgamuros, distante da cidade 58 Km. Substituiu-o, após restaurada a Monarquia, o príncipe Don Juan Carlos de Bourdon.

Agora com todos os poderes na mão ela tratou de melhorar e ampliar a Vila de Madri, mandando derrubar castelos e portas. Mandou, inclusive, transferir o Convento de São Jerônimo, fundado por D. Enrique III, para *O Prado*.

* * *

Escritores espanhóis dividem a História de Espanha em cinco fases: a) fenícia e grega até 501 *aC;* b) cartaginesa até 205 *aC;* c) romana até 409 *aC;* d) visigoda até 711; e) árabe, moura e Restauradora até 1492.

O reinado de Isabel encaixara-se portanto na fase final da influência moura em Espanha. Vejamos uma das facetas desse reinado, no domínio mouro conseqüente da invasão árabe, cujo Califato dividira-se em oito reinos: Sevilha, Córdoba, Granada, Almeria, aliás, incorporada à Valência e às ilhas Baleares, e Saragoça, Algarve, Málaga e Toledo. Derrotas impostas pelos catelhanos aos Califas árabes, os chamados "vigários" do Profeta Mohammed, motivaram a presença dos Almorávides (Al-Morabith), isto é, "filhos de Deus", naturais da Mauritania, isso no ano de 1086. Esses mouros, almorávides ou *morabus* apoderaram-se de Granada, reino fundado por Alhamar no século XIII, ocupando logo o *Alhambra,* palácio-fortaleza construído pelos árabes no sopé da Serra Nevada, perto do rio Wadi Alkebir, hoje Guadalquivir.

Ora governava Granada como tributário de Castela um Ali Abul-Hassán ou Muley Hacén. Este, certa feita, rebelando-se contra o pagamento do costumeiro tributo fez voltar o cobrador da rainha, dizendo-lhe:

— *Ide y decid a vuestros soberanos que en Granada no se labra ya oro para tributos, sino alfanjes y hierros de lanza contra sus enemigos.*

Dizem que o rei Fernando mordeu o lábio e jurou:

— *Yo iré arrancando uno por uno los granos de esa granada!*

Granada é o fruto que em Portugal e Brasil se chama "romã". Conseguintemente, os "granos" vermelhos ou sementes representavam na imaginação do soberano os poderes políticos e econômicos de Abul-Hassán...

Um filho deste Abul-Hassán, de nome Mohammed X, conhecido pela alcunha de *Zaquir* ou Saghir, ou ainda, Boabdil, e para os castelhanos simplesmente rei "Chico", arrebatou o trono. Houve guerra civil em Granada. Retornou, porém, ao trono Hassán. Falecido este mais tarde, substituiu-o o irmão

Abdala, "El Zagal", ou seja, "O Bravo". Novamente o inconformado Boabdil pegou em armas e, dessa vez, assumiu o poder.

Então, os Reis Católicos que em onze anos de luta contra o inimigo comum haviam já conquistado Málaga e Baza entenderam que era chegada a hora de Granada, muito mal dirigida pelo rei *Chico.*

* * *

Deu-se a batalha na primavera de 1491. Tomada a planície de *La Vega,* ao sul de Granada, o cerco durou seis meses. A 1.º de janeiro de 1492 caiu o *Alhambra.* A 2, Boabdil entregava a cidade, retirando-se em seguida com seus familiares. No dia 6, Isabel, rodeada de seus parentes e da multidão de soldados aguardava no alto de uma colina o sinal que lhe permitiria entrar na fortaleza. Esse sinal não tardou: a Cruz de prata que o marido usara na guerra e as bandeiras de Castela e Santiago surgiram triunfantes na torre da Vela!

Cavaleiros e soldados gritaram:

— *Granada! Granada! Granada por los reyes Don Fernando y Doña Isabel!*

Sacerdotes e cantores da Real Capela iniciaram o *Te Deum Laudemus,* ajoelhados. Depois os soberanos deram as mãos a beijar. Seiscentos cristãos recém-libertados das prisões mouras abriram caminho em direção à fortaleza cantando e mostrando os ferros do cativeiro. Na retaguarda caminhavam os cavaleiros de escolta, a rainha, o príncipe Juan e o Bispo de Ávila, eleito de Granada, Frei Fernando de Talavera, montados em mulas. O rei, a cavalo, tinha em redor a nobreza castelhana e andaluza. Fechou a marcha o Exército ao som de caixas e música marcial scb os estandartes dos Reis Católicos e do Conselho.

Entraram pela porta de Elvira. Aguardavam ali o Grande Cardeal Mendoza, o Comendador Cárdenas e o Alcaide mouro Aben-Cosmica. O rei entregou a chave de Granada à rainha, esta passou-a ao príncipe Juan, este ao Cardeal que a entregou ao Conde de Alcazar.

Terminado esse ato simbólico saíram todos pelas ruas e foram ter ao Salão Comares, sentando-se os soberanos em um trono adredemente preparado pelo Conde de Tendilha. Encerrou-se a cerimônia com o beija-mão de magnatas e cavaleiros mouros como prova de submissão.

Nesse comenos uma comitiva afastava-se do *Alhambra*. Era o rei *Chico* acompanhado de sua parentela. De repente ele parou e, fitando as muralhas da fortaleza suspirou cheio de mágua. Sua mãe repreendeu-o com duras palavras:

— *Llora, llora como mujer, ya que no has sabido defenderte como hombre!*

Há outra versão. Ela teria dito: *Razón es que al despedirte de Granada llores como mujer, pues no fueste para defenderte como hombre!*

O lugar da parada do *Chico* a onze quilômetros do *Alhambra* ficou conhecido como *Suspiro do Mouro*. Hoje, temos por ali assim o *Puerto del Suspiro*.

O pintor J. B. Martínez del Mazo, do século XII, debuxou magnífica tela representando o Palácio-fortaleza, e D. Carlos Luís Ribera em 1891 pintou o *Te-Deum* da vitória com mais de trezentas figuras.

* * *

Não tenho a pretensão de trazer à tona todos os episódios do governo de Isabel consoante o documentário histórico. Seria matéria para uma biografia. Entretanto, ressaltem-se a proteção dada à Imprensa, o financiamento concedido para publicações de obras literárias, a existência da *Santa Irmandade*, isto é, Milícia destinada a manter a ordem pública, o *Tribunal do Santo Ofício*, e de maneira especial o apoio integral a Cristóbal Colón nos seus planos de chegar às Índias Ocidentais. Quanto à literatura, lembraria a *Bíblia Poliglota*, escrita em hebreu, caldeu, grego e latim, empresa de grande fôlego, entregue à responsabilidade do teólogo dominicano Arias Montano, autor de *Antiguedades Judaicas*. A Bíblia, entretanto, só foi impressa em 1517, já na regência do Cardeal Jeminez Cisnero.

Isabel, personalidade independente e arrebatadora intitulava-se *Rainha de Portugal pela graça de Deus*. Leia-se o seguinte tópico da Real Cédula de 19 de agosto de 1475, na qual ela deixa entrever os motivos que a levaram a considerar-se rainha de Portugal:

> Que os seus progenitores sempre "*tovieron la conquista de las partes de Africa e Guinea, e llegaron el Quinto de todas las mercadorías que de las dichas*

partes de Africa e Güinea se resgataban, fasta que nuestro adversario de Portugal se entrometió en entender, como ha entendido e entiende, en la dicha conquista e lieva El Quinto de las dichas mercaderias por consentimiento quel señor Rey D. Enrique, mi hermano que ha ya santa gloria, le dio para elle", etc.

Em verdade, Portugal foi Condado de Espanha desde os tempos de Alfonso VI. Herdou-o D. Henrique, filho do Duque Enrique de Borgonha, bisneto de Roberto II, rei de França, ao casar-se com Teresa, filha de D. Alfonso. O chamado *Condado Portucalense* corria desde o Vouga até o Minho.

O título de Rainha de Portugal, inclusive o de Algarves, adjudicado pelos soberanos portugueses, Isabel manteve-o por muitos longos anos. O de *Algarves,* porém, permaneceu válido até o governo de Carlos V. Haja vista o Decreto de 24 de setembro de 1519, assinado em Barcelona, concedendo brasões e cotas d'armas a Vicente Yañez Pinzón, descobridor do Brasil, e a seus parentes, no qual sustenta: "Dom Carlos, pela graça de Deus, Rei de Romanos, Imperador sempre Augusto: Dona Juana, sua mãe, e o mesmo Dom Carlos, pela graça de Deus Reis de Castelha, de Leão, de Aragão, das duas Sicílias, de Jerusalém, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valência, de Galícia, de Maiorca, de Sevilha, de Cerdenha, de Múrcia, de Jáen, dos Algarves, de Agécira, de Gibraltar, das ilhas Canárias e das Índias, ilhas e terra firme do mar-oceano", etc.

* * *

Não foi feliz Isabel no declínio de sua vida. Adoecera em julho de 1504, em Medina do Campo. Doía-lhe n'alma e no coração o drama dos filhos: Juan, primogênito, falecera a 4 de outubro de 1497, pouco depois de haver contraído núpcias com a princesa Margarita. A filha, herdeira do trono, viúva, casara depois com D. Manuel, Rei de Portugal, mas veio a falecer a 25 de agosto de 1498 ao dar à luz o príncipe Miguel que deveria reinar sobre Castelha, Aragão e Portugal, e também falecido, em 20 de julho de 1500. Finalmente, Juana, casada com o Arqueduque Filipe, "O Formoso", filho do Rei Maximiniano de Austria, sofria de acessos de loucura. Deste consórcio nasceu Carlos I de Espanha e V da Alemanha. A propósito de Juana, cite-se o quadro de Pradilla, intitulado *Doña Juana la Loca,* premiado com medalha de ouro, em exposição permanente no *Museu de Arte Contemporâneo.*

Emociona a cópia monumental da tela de Rosales, *El Testamento de Isabel la Católica*, justamente porque todos conhecemos o episódio que se seguiu à assinatura do manuscrito. Rainha de muitas glórias, Isabel cerrou os olhos ao meio-dia de 26 de novembro de 1504 em Medina, embora outros historiadores prefiram o Castelo do Argueiro (*Castillo de la Mota*) do século XVI, residência e prisão de Estado. Seus restos mortais levados para Granada foram sepultados no Convento de São Francisco e posteriormente trasladados para a Real Capela.

Quanto a Fernando, este adoecera em Burgos, vindo a morrer numa estalagem de Madrigalejo entre duas e três horas da madrugada do dia 13 de janeiro de 1516. Sepultaram-no ao lado de sua augusta e imortal esposa.

* * *

A meu entender, Madri simboliza a Rainha Católica e viceversa. A lembrança de Isabel é imorredoura, atuante em toda parte, na terra, na atmosfera, no convívio doméstico, nas escolas, nos museus e nas bibliotecas públicas. As artes que sublimizam os fatos históricos elevam-se ao píncaro da nacionalidade. Atente-se, por exemplo, para El Grego, apelido de Domenico Theotocopulo, retratista exímio que fixou na tela o semblante de Fernando. Veja-se Rincón debuxando a Família Real. Observe-se o retrato de Isabel, atribuído a Bartolomé Bermejo que se conserva no Real Palácio de Madri, o mais belo edifício da Metrópole, onde também se encontram guardadas quinze pinturas em tábuas do *Polipto* da Rainha, da autoria de Juan de Flandes. No quadro de Rincón, pertencente ao *Museu do Prado*, aparece a Virgem Santíssima sentada, com o menino Jesus, e de pé S. Domingo de Gusmão e S. Tomás de Aquino. Ajoelhados, Fernando, Isabel, os infantes Juan e Juana, Frei Torquemada e o Protonotário Pedro Martir d'Anguiera, cronista da viagem de Vicente Yañez Pinzón ao Brasil.

Frei Enrique Flórez (1701-1773) da Ordem de Santo Agostinho, escreveu e publicou uma *Memoria de las reinas catolicas*, obra rara. No coro da Catedral de Toledo existe um relevo da rendição da fortaleza de Granada, de autoria de Rodrigo Alemán: por uma porta sai o rei *Chico* com seus familiares, a entregar a Isabel as chaves do *Alhambra* rendido. A Rainha, a cavalo, acompanhada do Marquês de Cádiz, tem perto de si a princesa Juana e Lord Scales. Um outro relevo, de Felipe Biguerny e Alonso Berreguete representa o assalto às muralhas da fortaleza. Em suma, Isabel em toda parte, seu espírito

flutuando nos espaços etéreos, batendo às portas das igrejas, das repartições públicas, dos Ministérios, dos quartéis, das embaixadas, nos convezes dos navios. Respira-se, vive-se esta lembrança nas praças, nas ruas, nos teatros e nos institutos de cultura.

Em 1815, Don Fernando VII organizou a *Ordem Honorífica de Isabel, a Católica*, ponto mais alto de todas as homenagens prestadas à imortal Senhora. Essa distinção compõe-se de:

Colar
Grã-Cruz do Colar
Grã-Cruz
Faixa (p/ senhoras)
Comendador de Ordinário
Cavaleiro
Laço (p/ senhora)
Cruz de Prata
Medalha de Prata
Medalha de Bronze

A recordação mais viva de Isabel, excetuado o jazigo da Catedral de Granada é a Custódia de ouro maciço, cinzelada com decorações em esmalte e pedras preciosas, por ela doada à Catedral de Toledo por intermédio de Frei Jimenez Cisnero. Este clérigo do Hábito de S. Francisco da Observância, Arcebispo de Toledo, foi confessor da rainha.

Ao terminar este *recuerdo* sentimental eu poderia dizer que Espanha, pátria dos castelos medievais, bem distante já das guerras seculares — a Cruz *versus* Cimitarra — é uma atração permanente aos turistas e, de modo especial aos historiadores.

O que é certo é que os árabes e os mouros deixaram no país de Cervantes tesouros de arte em geral. Cumpre, pois, mantê-los incólumes. Pertencem à História.

Em 1968, por exemplo, foi fundada em Córdoba uma Associação para a amizade de ambas as religiões e culturas. Em 1974, quando se completaram os 358 anos da morte de Miguel de Cervantes Saavedra, realizou-se o primeiro Congresso Islamo-Cristão. E, nesse dito ano foram inaugurados no *Alhambra* os museus de *Belas Artes, Arqueologia* e *Nacional de Arte Hispano-Muçulmana*.

Estas são, afinal, as impressões que me ficaram gravadas na memória de historiador, sobretudo a simpatia refundida no mais puro louvor a *ISABEL, A CATÓLICA, reina de España, Madre de América, fundadora de pueblos.*

Ofícios e cartas particulares, referentes às pesquisas do Autor.

"VICECONSULADO HONORARIO DE ESPAÑA
Fortaleza (Brasil)

Fortaleza — CE.
20 — Março — 1975

Ilmo. Sr.
Guarino Alves
N/ Cidade

Prezado Senhor:

Tenho o prazer de dirigir-me a V. S. afim de comunicar-lhe ter recebido um telex da nossa Embaixada da Espanha em Brasília, pelo qual solicitam de V. S. remeta com a máxima urgência, uma carta informando a sua aceitação ao convite efetuado pelo Governo da Espanha, para efetuar as suas investigações no Arquivo das Índias, em Sevilha.

Em razão ao exposto, agradecerei igualmente, tenha a bem comunicar a data da sua viagem, o qual torna-se necessário para os trâmites oficiais.

Aproveito a presente para cumprimentar-lhe com a minha mais distinguida consideração.

Mui atencisamente

Eulalio Hervás Lafuente
Viceconsul da Espanha"

* * *

Telex de 9 de junho de 1975:

DE AGREGADO CULTURAL EMBAJADA ESPAÑA
PARA: DON EULALIO HERVAS LAFUENTE, VICECONSUL HONORARIO ESPAÑA REFERENCIA TU TELEX URGENTE 9 CORRENTE. PROFESOR GUARINO ALVES DEBERA PRESENTARSE DIRECCION GENERAL RELACIONES CULTURALES MINISTERIO ASUNTOS EXTERIORES, MADRID, PLAZA DE LA PROVINCIA 1.
ALLI AVISO MINISTERIO DE LLEGADA PROFESOR ALVES.
ABRAZOS FERNANDO WESTERHAUSEN.

* * *

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES
El Director de Acción Cultural

Madrid, 31 de junho de 1.975

Ilmo. Señor
Don José Luis Morales Hernández
Director del Museo Naval
Madrid

Muy señor mio:

Tengo mucho gusto en presentarle al Profesor e historiador brasileño, Guarino Alves, que viene a nuestro país subvencionado por este Ministerio y el Instituto de Cultura Hispánica para realizar trabajos de investigación en ese Museo Naval.

Le ruego le den todas las facilidades posibles, para que pueda finalizar con éxito la labor emprendida.

Atenciosamente, le antecipa las gracias y envia muy cordiales saludos.

José Antonio Vaca de Osma.

* * *

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES
El Director de Acción Cultural

Madrid, 13 de junio de 1975

Ilmo. Señor
Don Guilhermo Guastaviano Gallent
Director de la Biblioteca Nacional

Prezado Señor:

Tengo mucho gusto en presentarle al Profesor e historiador brasileño, Guarino Alves, que viene a muestro país subvencionado por este Ministerio y el Instituto de Cultura Hispánica para realizar trabajos de investigación en Madrid y Sevilla.

Te ruego le den todas las facilidades posibles, para que pueda finalizar con éxito la labor emprendida.

Atenciosamente, le antecipa las gracias y envia muy cordiales saludos.

José Antonio Vaca de Osma

* * *

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES
El Director de Acción Cultural

Madrid, 13 de junio de 1975

Ilmo. Señor
Don Miguel Alonso Baquer
Director General del
Patrimonio Artístico y Cultural
MADRID

Mi querido amigo:

Tendo mucho gusto en presentarle al Profesor e historiador brasileño, Guarino Alves, que viene a nuestro país subvencionado por este Ministerio y el Instituto de Cultura Hispánica para realizar trabajos de investigación en Madrid y Sevilla.

Te ruego le den todas las facilidades posibles, para que pueda finalizar con éxito la labor emprendida.

Un fuerte abrazo, y gracias antecipadas.

José Antonio Vaca de Osma

* * *

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES
El Director de Acción Cultural

Ilma. Sra.
Dª Rosario Parra
Directora del Archivo de Indias
SEVILLA

Mi querida amiga:

Tengo mucho gusto en presentarle el Profesor e historiador brasileño, Guarino Alves, que viene a nuestro país subvencionado por este Ministerio y el Instituto de Cultura Hispánica para realizar trabajos de investigación en ese Achivo de Indias.

Le ruego le den todas las facilidades posibles, para que pueda finalizar con éxito la labor emprendida.

Atentamente, le antecipa las gracias y le envía muy cordiales saludos.

José Antonio Vaca de Osma

* * *

EMBAJADA DE ESPÑA

Brasília, 17 de septiembre de 1975

Ilmo. Señor Prof. Guarino Alves
Rua Patriolino Aguiar, 80
FORTALEZA — Ceará

Mi distinguido amigo:

Acuso recibo y le agradezco el Informe sobre el viaje que ha realizado a España y hago votos porque lleguen a culminar con total éxito sus proyectos de edición del libro VERA CRUZ.

Esperando poder saludarte pronto personalmente, le envía un cordial saludo.

Fernando Martinez Westerhausen
Agregado Cultural

* * *

MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES

Madrid, 13 de octubre de 1975

Prof. D. Guarino Alves
Rua Patriolino Aguiar, 80
60.000 — Fortaleza - Ceará
BRASIL

Mi querido amigo y distinguido profesor:

A mi regreso de las vacaciones de verano me encuntro con su amable carta de 25 de julio.

No tiene nada que agradecerme, más bien el agradecimiento es mio por sus inmerecidas palabras de elogio que ha tenido a bien dedicarme en la prensa brasileña. Creame que para mi ha sido un honor poder contribuir con un granito de arena a esa magnifica labor de investigación que Vd. realiza y que supone, en definitiva, un paso decisivo en la interpretación histórica y una contribuición de primer orden a la amistad y entendimiento de nuestros dos pueblos.

Junto con la felicitación del Director General de Relaciones Culturales reciba, querido profesor, la mis más expresiva.

Ya sabe donde me tiene para cualquier cosa en la que pueda serle de alguna utilidad.

Un abrazo com saludos cordiales.

Jaime Ruiz del Arbol

* * *

MINISTERIO DE LA MARINA

JUAN BERENGUER Y MORENO DE GUERA, GAPITAN DE NAVIO, SECRETARIO GENERAL DEL INSTITUTO DE HISTORIA Y CULTURA NAVAL, CUARTEL GENERAL DE LA ARMADA, CALLE JUAN DE MENA, 1, MADRID 14.

C E R T I F I C O : que el señor don GUARINO ALVES DE OLIVEIRA de la Sociedad Cearense de Geografia e História, es colaborador de este Instituto de Historia y Cultura Naval.

Y para que conste y surta los efectos oportunos y como credencial, firmo el presente certificado con el visto bueno del Almirante-Director de este Instituto, Excmo. Sr. D. Fernando Moreno de Alborán y Reyna, en Madrid, a seis de octubre de mil novecientos ochenta y dos.

JUAN BERENGUER Y MORENO DE GUERRA
EL CN. SECRETARIO GENERAL

Vº Bº
EL ALMIRANTE-DIRECTOR
FERNANDO MORENO DE ALBORÁN Y REYNA